

História condena uso ilimitado de energias que não podem ser repostas

ACERVO PESSOAL



Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

Ao longo da história, o desenvolvimento das formas de combustíveis nos mostra que, após um longo período de domínio da lenha – modelo não-sustentável e até extrativista –, foi a aplicação do vapor para geração de energia que impulsionou os primórdios da revolução industrial. Esta, por sua vez, acabou tendo no carvão mineral seu grande alavancador. A descoberta do petróleo, em seguida, proporcionou ainda maior facilidade de preço e manejo, derrubando até mesmo as oportunidades que se abriram, na mesma época, para os grãos energéticos. Mas vale lembrar que o homem que implantou a fabricação de automóveis em linha de produção – Henry Ford – foi um defensor absoluto da agricultura energética!

No início e decorrer do século XX, o petróleo dominou o cenário e promoveu, sem dúvida, a maior revolução dos usos e costumes de que se teve registro na história da humanidade. Os saltos em tecnologia e mobilidade foram o alicerce do processo hoje consolidado de globalização. O petróleo, verdadeiro agente de mudanças globais, fez acontecer coisas impensáveis, como ganhar guerras e criá-las... A civilização não vive sem o petróleo e os homens renderam-se a ele, como os antigos se rendiam aos seus deuses de ouro.

Mas o homem é o senhor do seu destino e, obviamente, passou a explorar essa riqueza como mecanismo de dominância. Vieram os choques do petróleo e o despertar da ciência para os efeitos

negativos do petróleo ao meio ambiente. Surgiram os conflitos no Oriente Médio e, com eles, as inseguranças globais. O homem comum começou a despertar do sonho de que essa fonte de energia fosse inesgotável e a entender que o petróleo, o gás natural e o carvão mineral não existem para sempre!

Na década de 1980, estudos se aprofundaram e revelaram a correlação estreita entre o perigoso e acentuado aquecimento do planeta e as emissões de carbono dos derivados do petróleo por veículos, máquinas e indústrias, comprovando o lado tenebroso dessa energia que vem sufocando o planeta Terra, transformando-o em uma monumental estufa. Ao mesmo tempo, geólogos atestaram uma realidade lógica que assusta a todos: o



vício da humanidade pelo petróleo, na velocidade de uso atual, daria ao petróleo (e ao gás natural) uma vida média na Terra de 40 anos!

Já desde o final do século XX, a nova batalha da humanidade é parar com as agressões ao meio ambiente, fazer com que o homem tenha noção e senso de urgência para a adoção de ações que efetivem soluções e curem o vício do uso de combustíveis fósseis. A situação é mais crítica do que entende a média das pessoas; no entanto, os *lobbies* para o continuísmo são malignos. Há uma verdadeira crise de mentalidades e não há um hospital que nos cure desse vício; seu tratamento requer medidas de choque! A continuidade da situação que vivemos hoje até meados do século XXI e o fosso existente no mundo entre pobreza e riqueza são de fato insuportáveis ao convívio entre os homens e aos limites dos recursos da Terra.

Quais seriam, então, as alternativas de que dispõe o homem frente a esse grave problema? Antes de qualquer coisa, é necessário resolver a crise de mentalidades, aposentando a “visão de retrovisor” e olhando para o futuro. Em seguida, precisamos mirar os exemplos e resultados obtidos por nosso país, em curto espaço de tempo, para nossa vaidade. Não é por acaso que os olhares de um europeu sofisticado, de um rico árabe ou de um agricultor do meio-oeste norte-americano apontam para o Brasil!

A longa evolução do homem no uso da energia nos revela uma lição necessária ao aprendizado coletivo: não se pode retirar da Terra recursos que não podem ser repostos – ato que lesará as gerações que virão. Os principais fatores, que são partes desse “desatino” humano, jogam a mobilidade indispensável no uso dos recursos naturais contra um cenário de poluição local, regional e global insuportáveis. A conclusão que se tem, contra todos os *lobbies* do continuísmo, é de que as mudanças urgem. E elas requerem, para serem efetivas, novos modos de

pensar temas relevantes, que viabilizem uma vida sustentável no limitado planeta Terra, abrangendo maior eficiência no uso da energia, menor gasto energético, redução das emissões de gases com efeito estufa, tecnologias limpas, redução da pobreza e aumento do uso da agroenergia.

As barreiras para a aceleração de medidas voltadas à substituição mais decidida do uso de energéticos fósseis são parte de uma guerra de informações. Os *lobbies* do continuísmo agem, por um lado, com posições que defendem a existência de reservas dos fósseis em grandes dimensões, alegando que o que falta é investimento. No entanto, o investimento ocorre sem conseguir acompanhar o ritmo alucinante das demandas energéticas; age também criando vários questionamentos ao novo. Argumenta-se, por exemplo, que a agricultura energética vai roubar espaço da agricultura de alimentos, que os preços dos alimentos subirão e que os pobres não se alimentarão. Trata-se, porém, de argumentos sinistros e cretinos: a pobreza no meio rural decorre da baixa renda, provocada pelos excedentes agrícolas que, por sua vez, são criados face ao protecionismo dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) à sua agricultura. Há exatos cinco anos, algo semelhante acontecia no Brasil, mais precisamente em São Paulo: discutia-se a modernidade do carro flexível, na época com os resultados dos testes em escala realizados pela Bosch e Magnetti Marelli, mas grande parte dos defensores da mudança esbarrou no conservadorismo do passado. Dizia-se que ressuscitar o “velho carro a álcool” era impossível, mesmo havendo temor dos elevados estoques de álcool, pois se acusava que não se vendiam mais esses carros. Após muito tempo perdido, a Volkswagen lançou o primeiro carro flexível, em março de 2003, e, em agosto de 2007, ele representou 88,4%

das vendas totais dos veículos leves e comerciais leves no Brasil. Foi um importante trabalho de grandes brasileiros de São Paulo.

Mas o Brasil não está só nesse propósito: os Estados Unidos já tinham, na época do lançamento do carro flexível brasileiro, cerca de quatro milhões de carros E85 (flexíveis, até 85% de etanol). Mas assim como o Brasil e seus complexos atores, eles não tinham (e não têm) infra-estrutura das bombas de etanol em postos de abastecimento... De modo que seus E85 andam apenas com gasolina. O Brasil e os Estados Unidos representam 70% da oferta global de etanol. Graças aos seus excepcionais mercados internos, vão “tocando a vida”. Os Estados Unidos investindo muitos recursos em pesquisa, para a chamada segunda geração de biocombustíveis, e o Brasil buscando parcerias para expandir o mercado de etanol. 

* **Luiz Carlos Corrêa Carvalho** é diretor da Canaplan e vice-presidente da ABAG (caio@canaplan.com.br).

Brasil, líder na geração e implantação da tecnologia de agricultura tropical

A FEALQ felicita a ABAG pelos seus 15 anos de atividade

Agronegócio é sustentabilidade



FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS
LUIZ DE QUEIROZ

Av. Centenário, 1080
13416-000 Piracicaba, SP
Fone: 19 3417.6600 | Fax: 19 3422.2755

A serviço da ciência
e da tecnologia

www.fealq.org.br | fealq@fealq.org.br